

ANTONIO GARRIDO

O ÚLTIMO PARAÍSO

Tradução de Artur Lopes Cardoso

1

Inverno de 1932

Brooklyn. Nova Iorque

Jack Beilis embrenhou-se nos becos de Danielsburg com o desespero de um chagal encurralado. De vez em quando, a luz mortiça de um poste de iluminação pública iluminava-lhe o rosto enxuto, macerado pela fome, no qual sobressaíam uns olhos azuis sem qualquer vestígio de brilho. Enquanto avançava, procurou nos bolsos os restos de um pedaço de pão duro, num gesto vão, de tão repetido. O seu estômago protestou. Durante o ano que passara em Brooklyn, as poupanças permitiram-lhe evitar as filas da beneficência, mas a crise devorara-as, tal como o seu corpo consumira as últimas onças de gordura. Maldisse a Ford Motor Company e Bruce Tallman. Sobretudo Bruce.

Acossado pela chuva insistente, refugiou-se num *hall* de entrada e subiu as escadas em mau estado que conduziam ao apartamento de seu pai, Solomon. Parou no patamar do quinto andar. Enquanto procurava a chave nas calças, sentiu o gosto da impotência.

Assim que abriu a porta, acionou, sem confiança, o interruptor da luz pois acumulavam várias contas por pagar. Por sorte, a sala iluminou-se. Despiu a gabardina, que trocou por uma manta que encontrou em cima do sofá. Depois, entrou no que fora a sala de jantar, antes de o pai a ter convertido numa divisão desarrumada, a abarrotar de sapatos velhos, retalhos de couro e sovelas dispersas. Do corredor, ouviu os roncos de Solomon, que encontrou a dormir na

cama como se tivesse tombado em cima dela. Estava vestido e exalava um penetrante cheiro a álcool. A seu lado, repousava uma garrafa de *bourbon* meio vazia. De regresso à sala de jantar, acendeu a *menorah*, o candelabro judeu de sete braços que presidia à mesa. Quando o pai acordasse, ficaria contente ao vê-la acesa.

Naquela noite, tardou em conciliar o sono. Os pés tinham-lhe inchado de tanto andar, e estava gelado. De barriga para cima, sobre o sofá sem molas, teve saudades dos dias em que, quando voltava da escola secundária, era recebido pelo aroma a manteiga quente dos bolos que a mãe acabara de tirar do forno e que se desfaziam na boca... Tempos que nunca mais voltariam. Abriu uma gaveta de uma mesinha próxima e tirou um retrato esbatido pelo tempo. Era uma fotografia da mãe, Irina. Contemplou-a com nostalgia. Ainda podia acariciar aquele rosto suave e delicado, cujos olhos negros pareciam protegê-lo e aconselhá-lo: «Aguenta, filho. Tens de cuidar de ti... e do teu pai.» Desde que regressara de Detroit, era só isso que tentava fazer.

Contudo, Solomon resistia. A sua única preocupação era obter a dose diária de álcool, tal como acontecia desde o dia em que Irina adoecera.

Jack pegou na garrafa e engoliu um longo trago. O licor queimou-lhe a garganta, mas reconfortou-o. Pela primeira vez em muito tempo, uma sensação de calor percorreu-lhe o estômago. Fechou os olhos para a apreciar. Os restantes goles aqueceram-lhe um pouco o ânimo, o suficiente para acalentar uma réstia de esperança. Ao contrário do pai, era jovem e forte, possuía duas mãos hábeis e a obsessão doentia de arranjar um trabalho que os arrancasse da ruína. Por um instante, considerou-se afortunado, ao comparar-se com os milhares de despejados que enchiam os acampamentos de barracas espalhados pelos subúrbios de Nova Iorque. Pelo menos, ele e o pai ainda tinham um teto que os cobrisse. Enquanto Kowalski o permitisse.

Contemplou de novo o retrato da mãe. Cinco anos antes, quando os tempos ainda eram propícios, Solomon mudara o seu negócio de sapateiro para um lugar mais central, na Broadway. Infelizmente, pouco depois da inauguração, Irina começou a apresentar os sintomas terríveis de uma doença inexorável. O cancro não só acabou

com ela como esgotou as poupanças de Solomon, que ficou apenas com dívidas. Jack trabalhava então em Detroit. No dia em que o avisaram, já era demasiado tarde. Quanto pediu explicações ao pai, durante o enterro, Solomon apenas conseguiu murmurar que se limitara a respeitar a vontade da mulher. Irina nunca quisera que o filho soubesse da doença e que sofresse por sua causa.

O *bourbon* aliviou-lhe a tristeza, que Jack atribuía à medalha que usava ao pescoço: uma estrela de David com caracteres hebraicos que a mãe lhe oferecera quando fizera dez anos. Desde a morte dela que nunca mais a tirara. Ao fim e ao cabo, era a única coisa que lhe recordava os dias de felicidade. Por isso, apertou-a entre os dedos, antes de cair, vencido pelo sono.

O frio do amanhecer acordou Jack, que se sentiu como se tivesse dormido ao relento. Olhou pela janela. O vento arrancara os jornais que tapavam os vidros partidos, transformando a sala num frigorífico. Desentorpeceu-se, foi à casa de banho e permaneceu de pé, em frente do espelho, a contemplar o semblante pálido e magro que o seu rosto apresentava. Inspirou com força, antes de mergulhar a cara num alguidar com água gelada, secou-se com uma toalha puída e estancou com pedacinhos de sabão os pequenos cortes que fizera ao barbear-se. Voltou a olhar-se e tentou esboçar um sorriso que o espelho não lhe devolveu. Cada dia era mais difícil aceitar que as olheiras profundas que rodeavam aqueles olhos azuis pertenciam ao mesmo jovem que, um ano antes, provocara suspiros de admiração entre as raparigas que frequentavam a Sociedade de Dança de Dearborn. Mas a realidade era que já há algum tempo deixara de ser o atraente supervisor da Ford Motor Company, que vestia casacos franceses e frequentava os melhores clubes de Detroit. E isso era algo que o corroía.

Preferiu não pensar nisso. Ultimamente, pensar só lhe causava espasmos no estômago. Desejava desesperadamente arranjar trabalho ou, mais cedo ou mais tarde, ele e o pai ver-se-iam obrigados a vaguear pelas ruas e dormir ao relento em Central Park, rodeados de mendigos e criminosos.

Abriu o armário, donde retirou a sua única camisa, um modelo de algodão branco de corte clássico. A peça ainda conservava a etiqueta

dos armazéns Abraham & Strauss, onde fora confeccionada. Roçou com delicadeza os botões com os dedos, antes de a apertar sobre o corpo fibroso. Enfiou um casaco de lã e, por cima deste, a gabardina coçada que o pai lhe emprestara. Trocara a sua, na semana passada, por um bocado de manteiga e meio quilo de batatas. Não a abotoou porque lhe ficava pequena. Pegou no relógio *Bulova*, que tantas vezes tentara vender e pelo qual lhe tinham oferecido menos do que uma sopa. Antes de o pôr, leu as palavras gravadas na tampa posterior: «Ao melhor trabalhador do ano, da Ford Motor Company.» Sorriu com amargura. Por último, enfiou o chapéu e voltou a ver-se ao espelho. A sombra da aba ocultava-lhe o rosto consumido, de modo que quem o visse pensaria que as coisas não lhe corriam assim tão mal ou, pelo menos, não tão mal como aos milhares de americanos que, por esses dias, morriam às mãos-cheias. Entorpecido pelo frio, esfregou as mãos, apagou a luz e saiu do quarto.

Preparava-se para abandonar o apartamento, quando uma voz pastosa o deteve.

– Aonde vais?

Jack virou-se e deu de caras com a figura que representava o que restava do pai. O velho tinha o cabelo revoltado, como um esfregão usado, a barba branca ainda retinha restos de comida e os olhos pareciam semicerrados, como se se negassem a contemplar o corpo devastado que se ocultava debaixo de uma camisola interior cheia de buracos.

– Para o trabalho – mentiu Jack. Detestava mentir, mas não queria preocupar mais o pai.

– Mascarado de *dandy*?... – pigarreou o homem, tentando sugar uma última gota da garrafa vazia de *bourbon*. – Maldita dor de cabeça... Que horas são? – Tossiu.

– Ainda é cedo... – Estava com pressa. – Já tomou o seu xarope?

Solomon Beilis não respondeu. Coçou as axilas e fixou-o com os olhos vítreos, como se procurasse no cérebro a frase adequada para lhe responder. Não a encontrou. Sentou-se no sofá e olhou para o filho.

– Ontem, Kowalski veio cá.

– Outra vez? E que queria? – Perguntou por perguntar. Kowalski queria sempre a mesma coisa.

– Esse polaco sarnento não está interessado em razões. Diz que está farto de nos fiar a luz e que tem inquilinos em lista de espera, dispostos a vir para o nosso apartamento.

– Levantou-se com o pé esquerdo. Um dia destes, falo com ele. Ainda há um bocado de puré de batata na panela. Depois, vou ver se nos fiam alguma coisa na padaria. E agasalhe-se ou nunca mais curará esse peito.

– E para beber?... – respondeu o velho. – Hoje é dia de celebração. Terei de sair para arranjar qualquer coisa.

Jack abanou a cabeça. Ainda não conseguia perceber como é que o pai conseguia arranjar álcool sem dinheiro e apesar da Lei Seca, que proibia o seu comércio. Observou o pai, que se levantou, cambaleante, e se dirigiu à *menorah* com a intenção de acender um dos pavios que se apagara. Depois de algumas tentativas, o velho conseguiu acender um fósforo, mas escorregou-lhe por entre os dedos.

– Vai acabar por se queimar, pai! Venha lá. Eu levo-o para o quarto.

– Larga-me! Que diabo! Os cristãos têm o seu maldito Natal e nós temos a nossa Chanucá. Por isso, acenderei o candelabro sagrado. E, se for preciso, também te pego fogo a ti!

Ao tentar escapar, o velho salpicou de cera o casaco de Jack. Quando se apercebeu disso, balbuciou algo parecido a um pedido de desculpa, mas Jack não ligou. Limpou-se como pôde e saiu do apartamento.

Lá fora, o vento forte uivava entre os edifícios, levantando remoinhos de pó e folhas caídas. Jack apertou bem a gabardina. Havia vários dias que o sol permanecia escondido, como se se envergonhasse de iluminar aquele panorama de pesadelo e desolação.

Levantou os olhos para observar o que se passava à sua volta. O apartamento do pai ficava na 2nd South Street, três quarteirões a norte da ponte de Danielsburg, num antigo bloco de casas ocupadas na sua maioria por imigrantes judeus, os mesmos que tinham chegado da Europa no começo do século e se haviam fixado na zona, como forma de se protegerem uns aos outros. Muitos americanizaram os seus apelidos para facilitar a integração, mas Solomon Beilis mostrava-se orgulhoso da sua origem russa. Por isso, empenhara-se em que o seu filho americano aprendesse a língua dos seus antepassados. Eram outros tempos. Agora, o bulício e os risos das crianças

que antes povoavam os passeios de Danielsburg tinham-se evaporado, transformando o bairro num terreno de becos abandonados e parques despídos.

Apesar do frio, divisou algumas pessoas e pôs termo às suas recordações. Tinha de se apressar; caso contrário, quando chegasse aos armazéns do mercado abastecedor, os mais madrugadores já teriam arrancado as ofertas de trabalho que por vezes colocavam nos *placards*.

Não teve sorte, nem no mercado, nem nas obras da nova linha de metro da Independent Subway System, nem nos cais de Brooklyn, onde empresas como a petrolífera Exxon, a Pfizer Pharmaceuticals ou a Appleton & Co. contratavam, de vez em quando, um ou outro estivador. Durante horas andou de fábrica em fábrica, a receber negativas como os grupos de desempregados que o rodeavam. Até nos gigantescos estaleiros de Red Hook tinham limitado as contratações, atribuindo as poucas vagas existentes aos italianos a soldo das máfias.

A meio da tarde, as empresas fecharam os seus portões e os desempregados empreenderam o regresso de bolsos vazios, com os ossos rebentados e o moral derrotado. Era o pior momento da jornada, precisamente quando a fome apertava mais.

A caminho de Danielsburg, Jack parou junto da casa de caridade da ponte de Brooklyn para contemplar aquilo a que os nova-iorquinos chamavam «a fila do pão». Era assim que denominavam as instituições de beneficência a que acorriam, diariamente, milhares de famintos, na esperança de comerem uma tigela de sopa. Naquele dia, a fila dava a volta ao quarteirão e perdia-se para além do ponto que os olhos alcançavam. Entre os que a formavam reconheceu Isaac Sabrun, o comerciante cuja loja de móveis falira pouco depois de a crise começar. Arrastava os pés, curvado, com o olhar ausente. Um pouco mais atrás, localizou Frank Schneider, o advogado de River Street cujos avultados investimentos se converteram em pó de um dia para o outro. O infeliz costumava comentar que estava na fila do pão porque enviudara, mas todos sabiam que, aquando da ruína, a mulher fugira com um próspero criador de gado do Nebraska. Atrás de Schneider, descobriu o conhecido jornalista Dave Leinmeyer, de

quem diziam que vivia debaixo da ponte e que deixara crescer o bigode e a barba para evitar ser reconhecido.

Jack teve pena deles, enquanto o seu estômago rugia, exigindo que se lhes juntasse. Hesitou em escutá-lo. Havia semanas que não provava nada quente, mas algo dentro dele impedia-o de recorrer à caridade. Era como se isso implicasse que, além de ter perdido tudo, tivesse também perdido a esperança.

Afastou-se, cabisbaixo. Não queria que ninguém o visse roer o pedaço de pão duro que apanhara na mesa de um café, antes que o retirassem.

Enquanto devorava a sua refeição do dia, pensou no senhorio e nas rendas pendentes. Até esse momento, conseguira contentá-lo com a promessa de devolver o montante em dívida com juros, mas se, tal como garantira ao seu pai, Kowalski dispunha de outros inquilinos dispostos a pagar adiantado, não tardaria em atacar.

Lamentou-se. Descarregar mercadorias de tarde em tarde não remediaria a situação. Precisava de dinheiro e imediatamente. Durante um bom bocado pensou no que podia fazer. Por fim, procurou na carteira até encontrar a sua última nota de cinco dólares, para a qual olhou como se fosse um tesouro. Era tudo o que lhe restava, o suficiente para comer durante três semanas, mas uma migalha que não conseguiria salvá-los da rua. De repente, amarrotou-a com raiva. Entrou na mercearia mais próxima e perguntou se dispunham de telefone. O dono limpou as mãos ao avental, avaliou o aspeto de Jack e abanou a cabeça, até que reparou na nota que o jovem esgrimia entre os dedos. Sem dizer uma palavra, pegou nela, abriu a caixa registadora e entregou-lhe o troco. Depois, apontou para o aparelho pousado numa esquina do balcão. Jack contemplou-o. Finalmente, levantou o auscultador e marcou um número que sabia de cor. Quando a chamada terminou, rezou para que resultasse.

Tempo era algo que não lhe faltava, pelo que chegou à entrada da fábrica da American Sugar Refining Co. trinta minutos antes da hora combinada.

Construída nas docas do East River, a American Sugar continuava a refinar mais de metade de todo o açúcar que se consumia

no país e, graças a isso, dava trabalho a centenas de operários em tarefas como descarga, distribuição e transporte. Sabia que conseguir trabalho ali era uma tarefa complicada, mas, se havia alguém que podia ajudá-lo, era, sem dúvida, o seu amigo Andrew. Enquanto esperava, reparou que a humidade do rio deteriorara os tijolos vermelhos que compunham a fachada até a transformar numa pele enegrecida que contrastava com os caixilhos azuis das janelas. Tal não retirava, no entanto, imponência ao edifício, cuja chaminé descomunal parecia desafiar, sozinha, a crise.

Começava a chover e o vigilante da American Sugar já viera cá fora algumas vezes, para lhe ordenar que se afastasse do alpendre, porque causava má impressão aos clientes. Jack murmurou algo e obedeceu, contrariado. Aguardou, impaciente, à chuva.

Apesar de ter sido o seu melhor amigo, há muito tempo que não via Andrew Scott. Durante anos tinham sido companheiros de brincadeira e de carteira na Brooklyn Technical High School, até se tornarem inseparáveis. Recordou esse tempo. Apesar da sua natureza enfermiça e débil, Andrew parecia estar sempre bem-disposto, divertia-se a caçar lagartixas e contagiava Jack com as suas piadas e risos. O seu valor como folião era equivalente à facilidade com que se metia em apuros, o que obrigava Jack a enfrentar os que escolhiam Andrew como alvo. O corpo de Jack começara a sobressair em relação ao dos companheiros, sobretudo em altura. Os seus braços eram robustos e as mãos, hábeis, o que lhe granjeara o respeito dos rapazes e a admiração das raparigas. Por vezes, Andrew invejava-o, mas Jack conseguia fazê-lo ver que, apesar da sua força, tinha piores notas nas disciplinas de Letras, nas quais Andrew se movia como peixe na água. Felizmente, quando iniciou os estudos de Mecânica, Jack encontrou uma solução para as suas limitações. Interpretava os planos, analisava os mecanismos e resolvia os seus defeitos como se se tratasse de um quebra-cabeças. À medida que aprendia, aumentava o seu fascínio por qualquer artefacto que pudesse desmontar, entender e consertar: bicicletas, máquinas registadoras, fechaduras ou fonógrafos. A sua natureza ou procedência eram-lhe indiferentes. Quanto mais complicados fossem, mais aguçavam o seu engenho e maior satisfação sentia quando conseguia que voltassem a funcionar. Pelo seu lado, Andrew

interessou-se pela política. Aos dezasseis anos, passava as horas livres a ler livros estranhos sobre os acontecimentos violentos que estavam a transformar a Europa. Por vezes perguntava a Jack qual era a opinião dos seus pais sobre os revolucionários russos, mas Solomon nunca falava desses assuntos em casa.

Apesar de terem gostos opostos, a amizade entre ambos cresceu, tornando-se firme como uma sequoia. Juntos, fumaram os primeiros cigarros, frequentaram os primeiros bailes de fim de curso, apaixonaram-se pelas mesmas raparigas e estas corresponderam-lhes com desenganos que duraram o tempo que um velho guarda-chuva demora a partir-se num dia ventoso. Decorreram assim seis longos anos, durante os quais construíram um vínculo que juraram que nunca se quebraria. No entanto, no dia da cerimónia de fim de curso, um acontecimento turvou aquela amizade para sempre. Jack acabava de fazer dezoito anos e toda a sua família fora ao último andar do hotel Bossert para celebrar o acontecimento. Entre os presentes encontravam-se o seu tio Gabriel e o seu primo Aaron, que quase nunca via porque viviam num bairro de ricos na ilha de Manhattan, e porque Solomon censurava a maneira como o irmão Gabriel ganhava a vida.

Desde a sua chegada à América, os caminhos de ambos tinham-se separado. Enquanto Solomon perseverara no seu ofício de sapateiro, Gabriel rendibilizara a sua falta de escrúpulos, trabalhando para um prestamista de reputação duvidosa, para depois prosperar graças à sua própria casa de penhores. No entanto, por ocasião do acontecimento, Irina convencera Solomon a convidar Gabriel, numa tentativa de aproximação familiar, para bem do seu filho. Pelo seu lado, Jack conseguira que o pai convidasse Andrew porque a família do seu amigo carecia de meios para suportar o custo da cerimónia.

Talvez por essa razão, Andrew comeu como um possesso e bebeu ponche como se tivesse acabado de atravessar um deserto. Não estava habituado. Quando o álcool começou a surtir efeito, começou a armar-se em valente e, ao saber que o primo de Jack conduzia o seu próprio automóvel e tinha às suas ordens um criado de libré, começou a atacá-lo, acusando-o de ser um vil capitalista.